

FERRO, Luís

O eremitério da Cartuxa de Évora: arquitectura e vida monástica

Amadora: Canto Redondo, 2019. 141 p.+ extratexto. ISBN 978-989-54274-1-3

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA

doi: <https://doi.org/10.34632/lusitaniasacra.2020.10130>

CHAM – Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa;
Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0002-6053-7411>

Contido entre uma dissertação de mestrado da Universidade de Évora, *O espaço do eremitério de Santa Maria de Scala Coeli: a casa cartusiana do Alentejo* (2009), uma leitura fotográfica de Rodolfo Pinto, Fernando Jorge e Gonçalo Pôla, uma construção gráfica clara e equilibrada de Joana Torgal sob uma coordenação geral de Lia Nunes, a que se juntam títulos, subtítulos e citações autorais muito bem escolhidas, o livro de Luís Ferro *O eremitério da Cartuxa de Évora. Arquitectura e vida monástica* (2019) apresenta-se-nos como um compromisso entre competências e saberes da arquitetura e da paisagística, da história da arquitetura e da espiritualidade monástica cartuxa, resultando num objeto de cultura do livro adequado a uma dinâmica que se coloca entre a história, o ensaio e a poesia.

O tema da Cartuxa e das configurações materiais do silêncio como forma de vivência aprofundada do Cristianismo eremítico de oração comunitária tem atraído, sucessivamente, aqueles que o estudam, o tentam pensar e, certamente, os monges de São Bruno que o vivem. Obras de referência como algumas das referidas na Bibliografia (pp.138-139) e outras recuperadas para dar origem às citações e, sobre todas, o filme de Philip Gröning, *Le Grand silence* (1984.../2005), vêm chamando a atenção para esta confluência de atemporalidades de vida e de atitude perante Deus que dá conta de realidades de sustentabilidade a repensar.

O livro de Luís Ferro divide-se em cinco partes bem distintas, mas sempre concorrentes para a vivência eremítica de cada um dos monges do mosteiro.

“As lições do mosteiro” (p.12-17) são uma pequena introdução aos pontos de partida do texto do livro e à atitude que o caracteriza, a resolução em “diálogo” (p.15) da leitura arquitetónica, sempre inserida em dinâmicas de compreensão nascidas no “assombro causado pela primeira visita ao mosteiro” (p.15).

“A arquitetura cartusiana” (pp.18-45) é um texto de dimensão técnica, mas cheia de tónicas históricas e vivenciais. Da descrição do “caminhar” (pp.23-27) como um ato humano definidor do espaço e das suas fronteiras, à tentativa de encontrar espacialidades para o vazio do “deserto” que, afinal, é um “bosque” cheio e animado pela vida da paisagem (p.28-31), atinge-se uma plenitude, a da vida monástica compreendida e a viver entre “princípios ordenadores” (p.32-45). Uma arquitetura que não se descreve, mas que se quer ler com um olhar complexo, do plano ao eixo, da dimensão ao vazio claustral, da função à vida diária de sobrevivência ou litúrgico-ascética.

“A Cartuxa de Évora” (p.46-95) merece atenção redobrada. Agora os “princípios ordenadores”, Regra da Ordem da Cartuxa (OCart) ou de São Bruno, em aliança com uma

espiritualidade eremítica para o silêncio tomam corpo num edificado do Alentejo, onde todas estas dimensões se devem poder viver e se deverão tecer entre si. Por isso, do “abrigo” e das “celas” de cada um dos monges, passeando olhares e caminhos pela “clareira” e pelo “claustro grande” (p.76-87) até ao “jardim das laranjeiras” (p.88-95) onde o “paraíso” parece despontar, o Autor deixa viver os edificados e as paisagens controladas em seu redor ao mesmo tempo que deixa sentir e que se possa olhar e caminhar com os monges. O exercício imagético, explicativo e de escrita é muito conseguido.

“A evolução de Santa Maria de Scala Coeli” (p.96-125) foi reservada a um percurso diacrónico da história da Casa, da sua fundação em 1588 (p.98-107), às vicissitudes dos séculos seguintes (p.108-111), à reconstrução levada a cabo pela mão firme de Vasco Maria Eugénio de Almeida (p.112-125). Um texto livre que vai inserindo esta forma vivencial do religioso dos tempos afirmativos e conquistadores da Reforma pós-tridentina, passando pela continuidade posterior até ao adormecimento e aos ataques de oitocentos e algum de novecentos e, depois, ao ressurgimento de ambiência nacionalístico-eclesiológica em décadas de Segunda Guerra Mundial. Tudo escrito como se a História pouco interessasse pois poderia perturbar o silêncio.

No Epílogo, de título “Na eternidade das casas de São Bruno”, esta última perspetiva permanece. As Casas de São Bruno (p.126-137) existentes ou esvaziadas de monges, apontam-se como persistentes na liturgia das horas e silêncio cartuxo, são redivíveis, ainda que em funções bem diferenciadas, dando conta de como esta construção para vivência monástica conseguiu respeitar e ampliar os desejos fundacionais de solidão com som de silêncio.

Estamos perante um livro conseguido dentro dos limites e objetivos que o seu Autor lhe traçou. Há muito mais a escrever sobre São Bruno, as diferentes Cartuxas e, mesmo, a Cartuxa de Évora, não temos dúvida. Mas não foi escrever muito que Luís Ferro quis, mas escrever de outra forma, com outra forma. Nesse sentido cremos que o conseguiu. E como o conseguiu? Num olhar crítico distanciado parece que o resultado foi sustentado por três grandes corpos.

No primeiro, o mais forte e dominante, inscreve-se toda a investigação, quer científica, quer de trabalho de campo, que resultou no texto da dissertação que aqui de alguma maneira se retoma, recriado um suporte textual que se quer de parágrafos claros, precisos e autónomos, capazes de comunicar sem distrair, o que é uma das qualidades do livro.

No segundo deve colocar-se o corpo visual em que se podem perceber três dimensões. Um conjunto de fotografias contemporâneas autorais, a preto e branco, dos já referidos Rodolfo Pinto, Fernando Jorge e Gonçalo Pôla, que se encontram ao longo das páginas sem legendas descritivas, deixando que a imagem se insira no texto como mais um parágrafo, num exercício de escrita visual, talvez melhor, de escrita da arquitetura (p.10, 13, 16, 19, 21, 22, 27, 31, 32, 41, 43, 44, 47, 49, 50, 53, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 71, 73, 74, 77, 79, 84, 87, 89, 91, 93, 94, 97, 121, 123, 124, 127, 131, 133, 134 e 137). Um outro, o segundo, mais reduzido, de fotografias documentais (p.111, 113 e 115) e com um esquiço não datado nem assinado, mas da época da reconstrução pela mão de Vasco Maria Eugénio de Almeida (p.110). Por fim, a terceira dimensão, composta por peças e esquiços de arquitetura (p. 34, 35, 37, 39, 55, 81) alguns dos quais de evidente espessura histórica (p.101, 104, 105, 107, 110,

118), a que se pode juntar a reprodução a cores e em *hors text* dos planos traçados, no final do século XVI (p.100-103), por Giovanni Vincenzo Casale e por Francisco de Mora.

Mas ao longo do texto também se encontram frases caídas, que aí foram colocadas com cuidado. São Bruno (c.1030-1101) (p.17), o atual Prior da Cartuxa (p.11, 135) mas, também, Rainer Marie Rilke (p.45, 51), José Tolentino Mendonça (p.75), Paul Celan (p.85), Rabindranath Tagore (p.95) e Jean-Pierre Jouve (p.125) são os autores dessas frases lapidares na sua profundidade de conteúdo ou na sublimidade dos seus contornos universais. Merecem, por quem as proferiu, pelo que revelam e deixam observar e entender sobre esta paisagem monástica de silêncio eremítico, ser aqui citadas as do Prior de Scala Coeli: “Igrejas e mosteiros há muitos, Cartuxas poucas. Esta começa aqui” (p.11) e “Esta porta separa a prisão de fora da liberdade de dentro.” (p.134).